

UMA SURDEZ DESLOCADA

Nanette Zmeri Frej (Laboratório de Psicopathologia Fundamental e Psicanálise / Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica/UNICAP)
Felipe Augusto de Almeida Pessoa (UNICAP)

O presente trabalho trata de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica – PIBIC - da Universidade Católica de Pernambuco, e que aborda a relação da mãe com seu filho que recebe diagnóstico de surdez. Tem por objetivo investigar o modo como ela, diante da falência auditiva do filho, é atingida narcisicamente e como isso pode afetá-la em suas possibilidades de endereçamento a essa criança. Participaram da pesquisa seis mães (ouvintes) de crianças surdas. A coleta de dados foi analisada qualitativamente e, de acordo com as entrevistas realizadas pudemos perceber que essas mães, diante da surdez de seus filhos, encontram dificuldades em entender a formação de demanda por parte da criança e em se endereçar a mesma, já que ele não é capaz de ouvir suas palavras.

Nas entrevistas realizadas as mães nos mostraram uma dura realidade sobre seus esforços continuados. Em sua luta para que o(s) filho(s) surdo(s) não fique(m) à margem da sociedade e da cultura, suportam dificuldades financeiras, físicas e emocionais. Também ficou claro que existe uma grande dificuldade para lidarem com estes filhos, sendo a falta de paciência muitas vezes uma característica entre as participantes, e de entenderem suas demandas.

A coleta de dados, que foi analisada qualitativamente, demonstrou que essas mães faziam menção a necessidade urgente dos tratamentos especializados diversos, na esperança que essa criança um dia fale. Ao mesmo tempo em que elas restringem a sua própria vida à ocupação de cuidar de seu filho. Essa restrição aos cuidados dificulta que ela reconheça o seu filho como sujeito capaz de estabelecer uma demanda.

A relação mãe-criança apresentou-se conflituosa, e de certa forma, paralisada, seja por a mãe não entender seu filho ou pela relação fechada que se estabelece entre a mãe e a criança, escapando da participação de terceiros.

A pesquisa então se iniciou com um questionamento muito importante para que se possa pensar a relação mãe-criança, nesse caso, mãe e criança surda, “O que a mãe escuta de seu filho surdo?”.

Para responder a questão nos serviremos da experiência do buquê invertido usado por Lacan a partir de Bouasse.

Tomando o esquema ótico elementar podemos demonstrar que o lugar onde a mãe se posiciona em relação ao campo do simbólico é determinante no que concerne as possibilidades de endereçamento a seu filho.

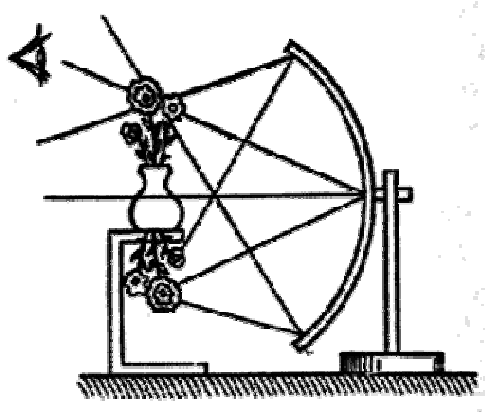


Imagem 1.

Neste estudo, Lacan nos fornece um esquema que reenvia a uma experiência da Física que utiliza algumas propriedades da ótica. Sob determinadas condições, diante de um espelho côncavo, vê-

se a imagem real, de um objeto real – um buquê de flores- escondido sob um caixote. Sobre o mesmo, um vaso real acolhe a imagem real do buquê. No entanto, para que a ilusão se produza, o olho do observador deverá ocupar um lugar específico. Assim, um determinado olhar em um determinado ponto consegue fazer advir a imagem das flores escondidas sobre a imagem do vaso, e assim compor o buquê no vaso formando uma única imagem. Uma mudança no posicionamento do olho do observador poderá desfazer a ilusão, e os objetos serão vistos no seu caráter de pura realidade.

Sem dúvida, segundo as diferentes posições do olho que olharia, poderíamos distinguir certo número de casos que nos permitiram talvez compreender as diferentes posições do sujeito em relação à realidade (Lacan 1953-1954. p. 146)

É neste cone formado pelas linhas de reflexão que o olho se situa de modo a fazer com que o buquê surja acolhido pelo gargalo do vaso. E é deste lugar que podemos pensar a posição da mãe frente a seu filho surdo. O posicionamento dentro do cone do simbólico, situa a mãe frente a seu filho e condiciona seu endereçamento.

Este lugar que, quando ocupado, permite que a mãe se enderece a seu filho é o mesmo de onde espera vir uma resposta dele para suas investidas. Mannoni (1980) nos fala isso, nos conta sobre o lugar da criança frente ao desejo materno e o lugar que ocupa nos fantasmas de cada um dos pais.

Mãe – D

ENTREVISTADOR: E você estava sendo acompanhada? Fazendo Pré-natal...

MÃE: Não, não, não, depois que eu fui fazer o pré-natal, aí também não contei não pro médico porque não sabia que ia afetar ele. [\[aqui a mãe fala sobre a rubéola contraída durante os primeiros dias de gravidez\]](#)

ENTREVISTADOR: Não contou?

MÃE: Não contei não. Porque também fiquei com medo que se eu contasse ele ia querer tirar.

ENTREVISTADOR: achava que ele ia querer tirar?

MÃE: Foi, eu pensei que ele ia tirar, aí não deixei, não contei pros médicos né?

ENTREVISTADOR: Porque você achou que ele ia querer tirar?

MÃE: Porque não é a lei? Num é uma lei?

A mãe D nos fala de seu temor de ser castigada com a perda de seu filho, para tanto ela refere a uma lei punitiva. A compreensão desta lei foi deturpada pela mãe.

Mãe – D

ENTREVISTADOR: Aí então você já esperava que ele viesse com alguma coisa?

MÃE: Esperava. Mais nunca pensei que ele vinha surdo, né? Pensei que era alguma coisa com o corpo, que fosse alguma deficiência com o corpo, mais surdo, eu ... nunca passou pela minha mente não.

ENTREVISTADOR: Você pensava que ele vinha como?

MÃE: Assim, faltando perna, braço ou quando nascesse, com 8 dias que nascesse, falecesse; mais não de outra coisa não, dele mesmo entendesse?

Esta interpretação não contém em si mesma, o voto de que a criança morra? Voto traduzido em decreto de lei que é externa à díade mãe-bebê e que diz respeito a ela. Esta é a interpretação que ela dá ao aborto necessário, previsto no código penal no artigo 128 do Decreto-Lei nº 3914 de 1941. O que de fato ocorre é que por esta lei ela não poderia abortar, senão em caso de risco a sua própria vida.

Sua interpretação é de que será forçada a retirar a criança. Entretanto ela burla a lei, na forma como ela interpreta, escapa a esta e em uma inversão, torna-se salvadora de seu filho, ‘não deixando’ o médico matá-lo. É a própria mãe quem diz “quando nascesse, com 8 dias que nascesse, falecesse, mais não de outra coisa não, dele mesmo”. Ou seja, ele mesmo enquanto uma doença?

Assim, propomos que, quando a mãe, ao olhar seu filho, não vê além do real¹ de sua deficiência, e também não leva suas potencialidades em consideração, o lugar de onde ela olha é aquele onde não se produz a ilusão do buquê. Poderá, por exemplo, ser em Z, conforme propõe Freij nas discussões das entrevistas. Se o olho estiver em Z, apenas os objetos serão vistos, na sua realidade crua, destituídos de unidade com a imagem.

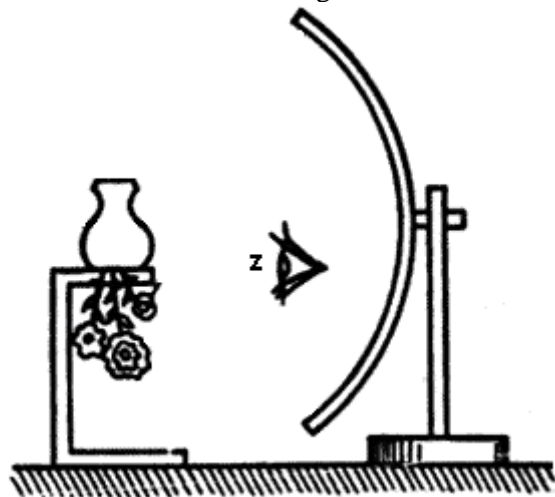


Imagem 2.

A construção da ilusão, que segundo Lacan (1979) está vinculada ao surgimento do eu ideal e do ideal de eu, permite que a mãe dirija-se a seu filho. Para darmos um passo acerca do sentido do esquema de Bouasse, no que diz respeito às mães de crianças diagnosticadas como surdas, teremos que fazer referência aos ensinamentos de Bergès e de Balbo (2002)

A partir do momento em que se põe na posição de seu filho, ela se divide, visto que ela é, nesta posição, ela mesma e ele. (Bergès, 2002, p.24)

Mannoni (1980) aprofunda a questão, sobre essa divisão da mãe, em relação a seu filho, indicando que a doença da criança constitui o lugar mesmo da angústia materna.

É no lugar de um fantasma² da mãe que a criança vai se relacionar com ela e com o mundo. Mannoni (1980) nos fala que quando a dificuldade da criança é orgânica, esta tem que se haver com o modo como a mãe utilizará esse defeito em seu mundo fantasmático que, a partir disso, será comum a ambos.

Foi visto nas entrevistas que a mãe então atribuirá um valor à doença de seu filho e, como uma moeda de troca, fará a criança escapar da tutela paterna. Ou seja, tomará a doença de seu filho para si, em troca de eximir-se de qualquer culpa para com a origem de sua condição; para isso dedicará todo seu tempo ao filho.

Também foi percebido um dado curioso nas entrevistas: a existência de uma dificuldade clara das mães em perceber a surdez de seu filho. Tratar-se-ia aí de uma negação da situação da criança?

Mãe – A

Na verdade eu não desconfiei não, quem desconfiou mesmo foi a pediatra; a médica dela... eu não desconfiei não... por mim, eu não tinha desconfiado nunca.

¹ O real é aquilo que não pode ser simbolizado, nem pela palavra, nem pela escrita. Se somos imersos no mundo simbólico, e é a partir disso que construímos nossa realidade, o real é exatamente o impossível.

² Segundo Chemama (1995) o fantasma é, ao mesmo tempo, efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz do desejos atuais, conscientes e inconscientes

Mãe – C

...e quem veio descobrir foi minha sogra.

Mãe – B

A minha mãe e os meus irmãos já haviam percebido, mas não queriam me dizer. Achavam que ele tinha alguma deficiência... e eu comecei a desconfiar. Eu tive medo de saber que fosse algo muito sério.

Diante da apresentação da suspeita de surdez em seu filho, estas mães procuram um serviço de saúde para, com um respaldo médico, negar a suspeita que leva as pessoas a apontarem seu filho como tendo alguma espécie de dificuldade. Um grande número de testes e de profissionais são requisitado pelas mães, na tentativa de que suas expectativas, acerca da deficiência de seu filho, sejam negadas.

Mãe – C

MÃE: Aí quando foi um ano, o ano passado, eu levei ele pro otorrino; quando chegou lá o otorrino mandou um exame, um exame que eu fiz e deu o mesmo resultado, o exame que ele fez antes, é o mesmo resultado do exame de antes, não diferenciei nada. ... É, todo ano é pra ter renovado, todo ano.

ENTREVISTADOR: Para ver se ela aumentou?

MÃE: É. Pra ver se aumentou se ficou no mesmo canto, e... Ele ta melhorando da audição mas...

Não é a toa que o discurso do médico é evitado pela mãe, já que é a partir dele que se instaura um divisor de águas na relação dessas mães com seu filho. As entrevistas realizadas demonstram que o diagnóstico desses médicos altera, de uma forma definitiva, o modo como a mãe se endereçava a seu filho.

A mãe, ao se deparar com o discurso médico, recebe um aval para posicionar seu olhar frente a seu filho, no real da sua deficiência. O discurso do médico, considerado, aqui, enquanto discurso do Outro³, é o que vai tamponar o buraco que permitiria à mãe fazer uma hipótese de uma demanda em seu filho. Segundo Solé (2005) o distanciamento entre o que era esperado pela mãe e o que a criança real se apresenta pode impedir que a mãe consiga reviver o seu narcisismo e assim, investir em seu filho.

Mãe – E

A gente que é mãe de um filho com deficiência a gente arruma um jeito para se comunicar com esse filho.

ENTREVISTADOR: O que ela vai ser quando crescer?

MÃE: O que ela vai ser quando crescer? Rapaz.... eu não sei (risos) ela diz que vai ser uma policial (risos) mas só ela pode dizer o que vai ser.

ENTREVISTADOR: Por que ela não pode ser policial?

MÃE: (risos) nunca vi policial surdo (risos), mas como as coisas ultimamente têm evoluído tanto se for a vontade dela e ela conseguir ser...

Estas mães, ao posicionarem seu olhar no ponto Z do esquema ótico da imagem 2, virão a, segundo Bergès e Balbo (2002) endereçam-se a seu filho surdo de forma bijetora ou seja, de forma direta. Forma que a posiciona a criança em sua frente no lugar de um corpo qualquer, uma extensão de seu próprio organismo. No entanto se por esta mãe, mantiver seu olhar dentro do cone simbólico da imagem 1, seu olhar permite que tanto ela quando a criança se desvencilhem um do outro,

Esse lugar que permite a mãe lançar um olhar oblíquo, questionador, não totalitário sobre a criança, respalda-se no desconhecimento desta sobre a sua própria origem.

³ Segundo Chemama (1995) Fundamentalmente o Outro, constitui aquilo a partir do qual é organizado a vida psíquica, isto é, o lugar onde insiste um discurso articulado mesmo que nem sempre articulável.

A mãe tem necessidade de fazer a hipótese de que seu filho, sua filha, lhe dirá um dia por que e como ela o concebeu. Ela vai esperar. Se ela deseja que esta criança cresça e fale, é porque ela está esperando que algum dia ele ou ela lhe diga por que motivo ele ou ela está aí (Bergès e Balbo, 2001, p.27.)

Para que haja então esta formulação de hipótese acerca da criança, é necessário que haja alguma resposta desta aos investimentos da mãe. As mães entrevistadas relatam um grande sofrimento por causa da falta de uma palavra de seu filho em sua direção.

Mãe –A

ENTREVISTADOR: Você fica triste quando ela não lhe escuta?

MÃE: Fico. Fico, às vezes, também quando ela não me escuta; e assim, as vezes eu passo por um problema, e um problema ...é por causa dela, entendesse? mais assim...aí ela não sabe, aí eu tô passando um problema por causa de ... dela entendesse? Ela não sabe, eu fico triste.

Segundo Bergès e Balbo (2001) quando a mãe oferece algo para seu filho, sempre oferece para além do puro objeto: ela demanda que seu filho lhe formule uma demanda. A frustração, pela falta de acertos em relação ao desejo da criança, irrita a mãe e soa para ela como uma ofensa, como uma injustiça, pois ela tenta acertar.

Mãe –B

Ele é uma criança muito difícil: não quer fazer nada. Ele tem direito a fazer atividades físicas: jogar futsal, natação, atletismo, judô ... o que ele quiser fazer, ele tem direito, mas não quer. Eu o levei para escolher, mas ele não quis nada, não quer ir para escola, nem para FONO. Eu faço um sacrifício danado: corro, faço as coisas de casa pela noite para adiantar no dia seguinte porque vou sair com Mateus de manhã; volto correndo para buscar e dar o almoço dos outros filhos e ainda voltar para levar Mateus na escola à tarde, sem chegar atrasado; e ele sempre com má vontade diz que não quer ir, que não gosta da escola, ele não gosta de nada.

A criança contém um saber íntimo que a mãe desconhece e, segundo Bergès e Balbo (2001), trata-se do saber pulsional. Para supor este conhecimento, seu investimento no filho, tomado o exemplo do esquema ótico da imagem 1, é sempre indireto e oblíquo, nunca direto e real.

O que a mãe espera escutar de seu filho são verdades acerca de sua própria história, acerca de suas questões edípicas inconscientes, sobre o desejo e sobre seu lugar frente ao Outro.

Ao final da pesquisa nos deparamos com algumas considerações acerca do endereçamento mãe-criança. O endereçamento da mãe para com o seu filho será mediado pelo desejo materno, a barreira imposta pela surdez é geradora de angústia e frustração para mãe. É necessário investigar acerca dos fantasmas desta mãe relacionados a deficiência de seu rebento, visto que é grande a dificuldade que estas mães tem de identificar a surdez de seus filhos, precisando muitas vezes que um terceiro venha e a questione sobre a ausência de respostas por parte da criança.

Também nos tornou claro que o diagnóstico de surdez da criança muda consistentemente à relação que esta mãe mantinha com seu filho e que este diagnóstico não se dá, para a mãe, sem que um sentimento de culpabilidade se instale. Mediante a culpa que sente, pela condição de seu filho, a mãe investe a maior parte de seu tempo em levá-lo a lugares para desenvolver habilidades (esportes, fono, otorrino, escola, língua de sinais).

REFERÊNCIAS

- LACAN, J. **O Seminário** (1953-1954), livro 1. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- MANNONI, M. **A criança sua “doença” e os outros**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1980
- BERGÈS, J.; BALBO, G. **Jogo de posições da mãe e da criança**. Porto Alegre: CMC Editora, 2002.
- BERGÈS, J.; BALBO, G. **A atualidade das teorias sexuais infantis**. Porto Alegre: CMC Editora, 2001.
- SOLÉ, M. **O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.